

Uma Cartografia da Malandragem em João Antônio / A Mapping of Trickery in João Antônio*

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci†

RESUMO

Abraçado ao seu rancor, o escritor paulistano João Antônio soube como ninguém ouvir o grito surdo dos que vivem à margem ou dos que souberam fazer da margem um (seu) *êthos*. Catando a poesia dessa errática estética da existência que transgride os valores da "classe mé(r)dia", Antônio nos apresenta uma experiência de mundo peculiar por meio da estética bruta e brutal de seus contos. Bruta, sem floreios, preocupada em captar a essência dessa vida malandra em sua forma mais primitiva: os dizeres e fazeres da malandragem paulistana. Brutal, pois não concede clemência aos anseios e estimas dos abastados ou daqueles que desejam acender socialmente. Sem propor uma dialética ou qualquer forma de reconciliação final, a malandragem em João Antônio existe em sua total positividade. Afirmação que se dá no jogo do viver, na sinuca e nas apostas inerentes ao jogo e manifesta na cartografia realizada pelo autor.

Palavras-Chave: João Antônio; Cartografia; Malandragem; Literatura.

ABSTRACT

Embraced his rancor, the São Paulo writer John Antônio knew how any one hear the muffled cries of those on the margins or those who know how to make the margin one (your) *ethos*. Picking the poetry of this erratic an esthetic of existence that violates the values of "middle class" Antônio presents an experience of peculiar world through brute and brutal a esthetic of his tales. Gross, no flourishes, anxious to capture the essence of this roguish life in its most primitive form: the sayings and doings of the São Paulo trickery. Brutal as it does not grant clemency and esteem the desires of the wealthy or those who wish to spark socially. Without proposing dialectic or any form of ultimate reconciliation, trickery in João Antônio exists in its total positivity. Statement that occurs in the live game, snooker and betting in the rent to the game and expresses the mapping performed by the author.

KEYWORDS: João Antônio; Mapping; Rascalness; Literature.

*Esse texto é uma versão ampliada da conferência pronunciada no *III Simpósio de Estética: linguagem artística e percepção visual*, realizado na PUC-SP.

† Mestrando pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) e bolsista FAPESP.

Introdução

O escritor paulista João Antônio ocupa um lugar marginal na história de nossa literatura. Embora muitos de seus livros tenham sido aclamados pela crítica especializada ao redor do globo e traduzidos para diversos idiomas, o autor de *Leão de Chácara* e *Abraçado ao Meu Rancor* ainda hoje recebe pouco ou nenhum reconhecimento por parte do público letrado brasileiro. Adaptações para o cinema – caso do filme *O jogo da vida*, dirigido por Maurice Capovilla em 1977 –, prêmios nacionais e internacionais recebidos ao longo de sua vida e mesmo a leva considerável de estudos de sua obra por parte de críticos literários como Antônio Candido e Alfredo Bosi não conseguiram fazer com que o autor conquista-se um local de destaque em nosso cânone literário. Recentemente deparamos com novas e por vezes inusitadas tentativas de resgate de sua obra, como um longo estudo desenvolvido junto aos arquivos do autor por pesquisadores da UNESP iniciado no ano de 2001, a publicação de seus contos completos pela editora paulista Cosac e Naify em 2012, o lançamento do disco *Malagueta, Perus e Bacanaço* pelo saxofonista e compositor Thiago França em 2013 e por aí afora. Tentativas que, embora forneçam ao pesquisador interessado na história literária brasileira um rico material crítico, ainda não conseguem retirar João Antônio da completa marginalidade.

Quando muito, vemos o autor paulista integrado ao grupo denominado de escritores malditos ou marginais, ao lado de nomes como Plínio Marcos, Carolina Maria de Jesus e, mais recentemente, Ferréz. Entretanto, sua filiação a um tal grupo, para além de não permitir apreendermos as características próprias da obra *joãoantoniana*¹, acaba não sendo plena; logo surge um a apontar a estrutura narrativa mais rica e elaborada de Antônio – resultando daí a origem erudita de seu apelido, *Rabellais da Boca do Lixo* –, restando em comum ao escritores marginais somente seu apreço por narrar as desventuras

¹ A expressão *joãoantoniana* deriva do *joãoantonês* proposto por Nelly Novaes Coelho ao indagar sobre a linguagem própria do autor: "É língua portuguesa? Brasileira? Ou joãoantonês?" (Nelly, 1976). Na opinião do crítico, Antônio pode ser a um "Guimarães Rosa urbano" graças a sua linguagem própria.

de personagens excluídos socialmente. Assim, entre o popular e o erudito, sua obra resta indecifrável.

Parece que algo se passa nos tantos romances e muitos contos escritos por João Antônio que os impedem de cair no gosto dos leitores. Poder-se-ia argumentar que, *grosso modo*, há duas ideias gerais que perpassam toda sua obra e dificultam sua aceitação. Primeiro, uma necessidade de incomodar. O leitor que se aventura pelo universo *joãoantoniano* não sai ileso, a metralhadora giratória operada pelo autor atinge tudo e todos. Seu ódio declarado à classe média bem como sua relação vital com a literatura², levam o escritor a recusar conceder um papel conciliador ou reconfortante aos seus escritos que, antes, visam problematizar a cultura de seu tempo. Dessa sua opção, próxima a uma militância contra os desejos "classe mé(r)dia", surge o incômodo. Segundo, o estabelecimento de um jogo. A ideia de que vivemos em um constante jogo perpassa toda a obra de Antônio, de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* a *Dama do Encantado*. Que jogo seria esse? Trata-se de um jogo agonístico, que o autor denominou de jogo da vida, cujas regras nos são desconhecida mas que ordenam os modos de vida. Para o autor, há aqueles que sabem jogar com maestria, os malandros, e os que perdem força e acabam por integrar a manada classe média. A compreensão do *modus operandi* de tal jogo passa pela criação de uma estética própria, de difícil compreensão e que tende a afastar o leitor muita vez. Rodrigo Lacerda (2012) argumenta que, quanto mais o autor preocupava-se em apreender esse jogo, mais sua obra assumia feições pouco convidativas, pois exigia que seu leitor fosse minimamente versado nos dizeres das ruas.

Visando esmiuçar melhor ambas as ideias supracitadas, assim como chamar a atenção para esse pouco prestigiado escritor, propomos apresentar uma leitura do que acreditamos ser o grande objetivo de João Antônio, qual seja: erigir uma cartografia da malandragem. Tomando o conceito consagrado na obra de Gilles Deleuze, entendemos que o autor paulista não procurou

²Em entrevista concedida ao jornalista Aramis Millarch, o autor apontou sua relação vital com a literatura. "Não estou brincando de escritor. Joguei a vida nessa aí. Abandonei uma situação que era muito mais cômoda, era muito mais razoável. Eu não tenho uma relação intelectual com a literatura, é uma relação vital" (Antônio, 1987).

representar ou recriar o universo espúrio das grandes metrópoles, mas realizar uma cartografia social; ou seja, executar diagramas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdade, enunciações, jogos de objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo, práticas de resistência e liberdade. A leitura da obra *joãoantoniana* por meio do conceito de cartografia possibilita não apenas apreendermos a relação entre as duas ideias centrais de sua obra, mas pensar a malandragem por meio de um (seu) aspecto positivo – recusando assim a leitura consagrada da figura do malandro como uma antítese social.

Leituras da obra *joãoantoniana*: entre a representação e a rememoração

Uma grande parte das análises da obra *joãoantoniana* tende a enxergá-la ora como a busca por uma representação do universo da malandragem nas grandes metrópoles, ora como a rememoração de casos e histórias ouvidas e/ou vivenciadas pelo escritor. De um lado, uma crônica social; de outro, uma espécie de diário de um boêmio. Encontramos ambas as leituras nas posições de dois importantes críticos de nossa literatura: Antônio Candido e Alfredo Bosi. Convém esmiuçar um pouco cada uma dessas interpretações para que, posteriormente, possamos demarcar os pontos de divergência e convergência de nossa leitura para com as mesmas.

Quando da morte de João Antônio, no ano de 1996, o crítico literário Antônio Candido lhe dedicou um bonito texto, intitulado "Na noite enxovalhada", em que repassa as principais características da obra daquele. De largada, o escritor paulista é apontado como um continuador da obra de outros dois autores que remaram contra a maré: Lima Barreto e Graciliano Ramos. Embora a obra *joãoantoniana* deva muito a ambos os escritores, sobretudo em relação à temática de sua obra, diferencia-se dos mesmos tanto pelos objetivos almejados quanto pelo trato com a linguagem.

Quanto aos objetivos, Candido enxerga que a grande proeza de João Antônio foi ter representado com maestria o *jogo triste da vida*; ou seja, ter dado voz à humanidade latente do malandro e outros tantos personagens excluídos socialmente. Sua obra, assim, procurou acessar a essência da vida

malandra, como forma de dar voz em pé de igualdade a esses despojados e chamar a atenção para os seus percalços. Sua obra visa comover o leitor para as mazelas cotidianas das grandes cidades. Há, portanto, um caráter de denúncia típica do jornalismo – profissão a que João Antônio dedicou grande parte de sua vida.

Por procurar realizar uma espécie de crônica social, o escritor paulista optou por representar o mundo da malandragem por meio da criação de uma prosa única, desprovida de sentimentalismo e procurando erigir uma espécie de "neutralidade estratégica":

Nele [João Antônio], podemos distinguir, por exemplo, a ausência completa de sentimentalismo, quer se trate de amor, da rotina dos quartéis, da miudeza de cada dia, da malandragem. Esta característica é devida a uma espécie de neutralidade estratégica, que dá destaque ao real, sobretudo porque os contos são escritos numa prosa dura, reduzida às frases mínimas, rejeitando qualquer elegância e, por isso mesmo, adequada para representar a força da vida. (Candido, 2012, p.578)

A prosa *joãoantoniana*, na leitura de Candido, procura apreender o real, representá-lo. Seus contos e romances possuem antes um caráter informativo e ilustrativo das vidas para as quais tendemos a virar o rosto, mas abrindo mão de qualquer visão pitoresca desses personagens para erigir uma espécie de sensibilização no leitor. Transparece aqui um (seu) caráter de crítica social. De acordo ainda com o crítico literário

Antônio inventou uma espécie de uniformização da escrita, de tal maneira que tanto o narrador quanto os personagens, ou seja, tanto os momentos de estilo indireto quanto os de estilo direto, parecem brotar juntos da mesma fonte. Aqui não há, com efeito, um narrador culto que reserva para si o privilégio da linguagem de outra esfera através da imitação de sua linguagem irregular, que serve para manter a distância. Longe disso, narrador e personagem se fundem, nos seus contos, pela unificação do estilo, que forma um lençol homogêneo. (...) Não se trata, portanto, de mais um autor que usa como pitoresco, como coisa exterior a si próprio, a fala peculiar dos incultos. Trata-se de um narrador culto que usa a sua cultura para diminuir as distâncias, irmanando a sua voz à dos marginais que povoam a noite cheia de angústia e transgressão, numa cidade documentariamente real, e que no

entanto ganha uma segunda natureza no reino da transfiguração criadora. (Candido, 2012, p.581)

O escritor guarda ainda certa distância em relação a seus personagens, marcada pela diferenciação cultural. Na visão de Candido, podemos encontrar elementos do embate entre alta e baixa cultura nos contos e romances de João Antônio. Embora tal embate seja minimizado pelo aspecto militante de sua obra, que visa *diminuir as distâncias* entre os incluídos e os excluídos, ele permanece e é graças a ele que, dialeticamente, chegamos a transfiguração criadora apontada por Candido.

Em síntese, para Candido, João Antônio procurou traçar um retrato ou uma representação da malandragem, como forma de realizar uma denúncia às injustiças sociais de nosso país. Essa opção concedeu a sua obra um tom triste, certa desolação diante dos problemas sociais que afligem nosso país. Os recursos estilístico que o escritor lançou mão, tornam-se meros instrumentos para a realização da crítica social. Ao fim, um retrato digno de figurar nas grandes páginas de nosso jornalismo investigativo.

Em uma leitura oposta a de Candido, temos aquela empreendida por Alfredo Bosi. Para o autor de *O conto brasileiro contemporâneo*, não há tristeza na narrativa *joãoantoniana*, mas o resgate da alegria maliciosa dos malandros e outros tantos marginalizados. A obra de João Antônio se utiliza de elementos memorialísticos e biográficos para tanto.

Entrar na casa dos quarenta nos anos 1970; ter sido pobre, boêmio e suburbano numa São Paulo ainda não devorada pelo consumo; ser jornalista de raça e escritor atracado com o real; viver às voltas com a própria biografia; sentir-se, enfim, em dura e amargosa oposição aos regimes e estilos dominantes: tudo isso faz parte da condição humana e literária de João Antônio. (Bosi, 2012, p.595)

Sem negar a presença de certo tom jornalístico na obra *joãoantoniana*, Bosi não crê que este busque a realização de uma crítica social. Não há tristeza ou mazelas a serem denunciadas, mas uma alegria que transborda nos gestos dos que, ainda que marginalizados, sabem viver o aqui e agora. Em Antônio, a linguagem serve antes a singularização. O autor paulista, de acordo como crítico literário, recusa enxergar seus personagens como uma massa

amorfa: os malandros ou os excluídos. Antes, cada malandro é único, um integrante alegre da grande família do escritor boêmio.

Há um aspecto lúdico em sua obra, uma brincadeira com as histórias que viveu ou ouviu. Brincadeira esta que transparece na ideia *joãoantoniana* de jogo. Joga-se para viver, em um eterno "vai, mas não vai". Todos jogam, do malandro àquele que retorna a sua velha cidade abraçado ao seu rancor em busca dos antigos amigos, já transfigurado em um ser manada tipicamente classe média. E em que lugar esse jogo transparece? Nas falas erráticas das ruas, nos tons e invenções estilísticas dos que andam por aí.

Ambas as leituras aqui apresentadas possuem pontos tanto de convergência quanto de divergência. Para os nossos propósitos, convém notar apenas que há um elemento de difícil apreensão na obra *joãoantoniana* que faz com que a mesma seja vista ora como uma crítica social, ora como uma exaltação alegre. Acreditamos que este elemento passa pela ideia de jogo e por aquilo que denominamos de cartografia. Entendemos, tal qual Antônio Candido, que há sim uma implicação do leitor nos escritos de João Antônio, mas não visando sua comoção para as mazelas sociais. Antes, a busca pela problematização da cultura que produz a exclusão e cujo invólucro é justamente o leitor. Esse movimento não passa pelo conceito de crítica nos moldes pensados por Candido, mas por um aspecto lúdico inerente à ideia de jogo tal qual aquele ressaltado por Bosi. Antes de darmos prosseguimento a nossa leitura, que não se propõe ser uma síntese das interpretações aqui apresentadas, evocaremos as palavras do próprio João Antônio sobre seu fazer literário e capaz de nos auxiliar na compreensão daquilo que o autor chama de jogo.

João Antônio: malandro e jogador

O escritor paulista não brincou de escritor, tampouco procurou realizar um (seu) sonho de infância de se tornar um autor de livros. Antes, esse lugar que ocupou foi ganho das apostas que realizou; ou seja, foi ganho no jogo. "A vida foi me dando porrada, me dando, até que aprendi a escrever em qualquer

canto. Sem precisar de casa ou de quarto. Qualquer boteco é lugar para se escrever quando se carrega a gana de transmitir. Gana é um fato sério que dá convicção" (Antônio, 1980, p.3). Que gana é essa que perpassa a vida de João Antônio e o leva para o mar aberto da literatura? Não, não vem da necessidade de denunciar as porradas que a vida lhe deu, tampouco de uma lembrança alegre dos tempos de malandragem. Vem da própria condição do jogo.

Tudo o que tenho feito em minha vida apenas tem me dado noções da minha precariedade. Um sentimento de falência, certo nojo pela condição dos homens e até ternura, às vezes; quase sempre – pena. Mesmo nas etapas das quais saio vitorioso, nunca se afasta o gosto da frustração. Competir para mim é imoral, portanto: profissional, amorosa, familiarmente, meus acontecimentos não têm me preenchido nada. (Antônio, 1980, p. 4-5)

Precariedade é o termo chave. Não existe uma essência ou qualquer tipo de transcendência que possa acalantar nosso coração, apenas a precariedade. A insegurança que acomete cada pequeno vivente ao sair nas ruas, ao optar os mundos do trabalho ou os rumos da malandragem. Não importa. Os homens deveriam entender que não há existência para além do jogo da vida, dessa eterna insegurança imposta pelas contingências do viver. Não à toa, o único sentimento permanente é a frustração, pois jamais se sai do jogo, jamais se ganha a bolada definitiva. A vida é aposta, sempre.

Normalmente, as pessoas buscam evitar o risco. Procuram um acalanto aos valores da classe média, os sonhos vendidos em massa. A casa própria, a TV em cores, o carro, o jornal diário, o cartão de crédito, o crediário e por aí afora. Vida previsível e fácil. Sem jogo, mas sem alegria, sem criação. Vida triste.

Como ninguém percebe isso? Bem, talvez antes de Antônio, não houvesse um boêmio entre duas culturas. As apostas de Antônio, seu desejo classe média que o levou a trabalhar em jornalecos em São Paulo e Rio de Janeiro e seus encontros com a malandragem pelos botecos da vida, o levaram a escrever. Não para dar uma de dedo duro, mas para falar do único horizonte possível: o jogo. Antônio escolheu falar deste pela ótica dos que de fato sabem jogar, os malandros. Estes, que constam fora dos registros oficiais,

são os que conseguem encher de esperança mesmo aquele com a maior vocação para otário que já existiu:

Mas tenho esperança. Tenho levado castigo, mas tenho esperança. Um malandro, meu amigo, dizia: - A gente cai, a gente levanta, na queda já se aprendeu. Pode ser que ali na esquina a gente dê sorte. Parece-me que tenho uma das mais puras bossas para a malandragem, entre as muitas que vi. Mas nunca vi ninguém com tanta vocação de otário. Logo, minha vida é um trapézio. Mas a minha responsabilidade é grande – eu não tenho rede que amenize a queda. (Antônio, 1980, p.6)

Malandro cai, aprende, levanta e continua. Sabe que não há nada para além de um jogo de bilhar ou de um lance arriscado pelas ruas do largo do Arouche. Isso de se acomodar nos desejos classe média é querer uma rede para amenizar a queda, mas se o indivíduo se recusa a cair, de que vale o viver? Diante da TV em cores, saindo para as lojas com seu carro e cartão de crédito, você vira manada. Mais um, descartável e descartado do jogo. Para jogar é preciso inventar uma outra vida, mais malandra.

Essa é a visão de mundo defendida por João Antônio em todas as entrevistas e relatos que concedeu sobre sua obra ao longo de sua vida. Sua obra consistiu em uma simples "coleta de uma experiência vivida" (Antônio, 1987). Mas Antônio não é "besta nem delator", não procura dizer por meio de uma representação o que e quem é o malandro, antes procura captar uma força criativa de cada pequeno gesto desses e que se bem aprendida pode ser capaz de desestabilizar o jogo.

Aprender com a malandragem como jogar, significa por um lado problematizar a cultura classe média que transforma tudo e todos em manada e, por outro, possibilitar conceder algum crédito à vida. Pois, diz Antônio

São vidas de trânsito comovido. Impossível percorrê-las sem me sensibilizar. Quase tudo gente aparentemente sem grandeza, pouco percebida pelo registro oficial, quase nunca notícia em lugar nenhum do rádio, da tevê ou dos jornais do país de hoje. Mas são gente nas quais eu tropeço aí pelas ruas. Embora essas criaturas não façam parte da cena brasileira oficial – ou façam de modo deformado pela "folclorização" dos falsos amigos do povo-povo-meu-povo – ou ainda incomodem a ótica oficial, tenho por eles ternura admirada e uma amizade espontânea. Creio, sem discursar, sem

que o fato simples de sobreviverem e a gana que põem nisso é um crédito à vida. (Antônio, 2012, p. 574)

Uma cartografia, pois.

Uma cartografia da malandragem em João Antônio

Para que possamos compreender melhor a cartografia *joãoantoniana*, que devemos evitar enxergar em sua obra um mero retrato da malandragem ou a simples denúncia às injustiças sociais do país – embora ambas as leituras sejam possíveis – e atentarmos para uma coisa outra que grita no jogo literário criado pelo autor: a busca pela afirmação de uma existência que resiste nas margens sociais. Longe de qualquer movimento dialético, uma antítese às dinâmicas sociais, a malandragem em João Antônio é afirmativa. Não se contrapõe a nada, tampouco soluciona, existe somente e existe para jogar o jogo da vida, tal como nós, leitores, mas de uma maneira muito diferente. Tomemos a pergunta lançada por Bacanaço para resgatar esse aspecto afirmativo: está a jogo ou está a passeio? Malandro é aquele que sabe que não pode bobear e, por isso, a própria indagação tem um quê de descabido: sempre se está a jogo. João Antônio, malandro que era, bem o sabia. Abraçado ao seu rancor, o escritor paulistano soube como ninguém ouvir o grito surdo dos que vivem à margem ou dos que souberam fazer da margem um (seu) *êthos*. Catando a poesia dessas erráticas existências que transgridem os valores da "classe mé(r)dia", João Antônio nos apresenta uma experiência de mundo peculiar por meio da estética bruta e brutal de seus contos. Bruta, sem floreios, preocupada em captar a essência dessa vida malandra em sua forma mais primitiva: os dizeres e fazeres da malandragem paulistana. Brutal, pois não concede clemência aos anseios e estimas dos abastados ou daqueles que desejam acender socialmente – ou ainda sem qualquer piedade para com nós, leitores. Viver traz em seu bojo todos os perigos, algo que os valores da classe média que carregamos fez-nos esquecer.

O desejo pela casa própria, pela família estruturada, pelo jornal matutino, pelo cachorro e pelo escambau de nada serve. Esse desejo classe mé(r)dia, como diria Antônio, vampiriza nossa potência criativa e nós faz viver

uma vida boba e banal. Não que suas figuras recusem explicitamente uma tal vida, não se pode escapar dela. O malandro João Antônio nos alerta:

Da classe média você não vai escapar, seu. A armadilha é inteiriça, arapuca blindada, depois que você caiu. Tem anos e anos de aperfeiçoamento, sofisticação, tecnologia, ah o cartão de crédito, o cheque especial, o financiamento do telefone, da casa própria e do resto da merdalha que for moda e, meu, sem ela você não vive. Não respira, é ninguém. Ou melhor, é nada: você já virou coisa no sistema. E não pessoa. Dane-se! Futrique-se, meu bom, meu paspalho, pague prestação pelo resto da vida. E o carro, é preciso carro. Os donos da arapuca querem você comprando. Compre. E de carro. Ande de carro, ouça música e veja filmes no carro, coma no carro e trepe ali. Namore, noive e ame ali, enquanto vê filmecos dos drives. Todos os leros. Todos os embelecocos, do automóvel ao secador de cabelos, principalmente você deve comprar o que não precisa. A tevê vai te comandar a vida, meu chapa. A cores. E destas regras do jogo não vai escapulir. Bufanear a classe média, pajear, aturar e ser como ela. Quer queira, quer não. Afinal já não está em tempos em que possa pensar com a sua própria cabeça. Ô, meu, você é só manada. Bem pequenininho, lá, no meio da manada. E quieto, bom comprador. Esbirro, sabujo, capacho. (Antônio, 2012, p.432).

A questão é, portanto, que os malandros de João Antônio entendem que a classe média e seus valores são uma espécie de transcendência – algo que não se encontra no aqui e agora das ruas. Para suas personagens, trabalhar oito horas por dia por um nada é recusar o jogo, melhor deixar esse desejo classe me(r)dia de lado e viver simplesmente. O bar, a sinuca, a malandragem e tantas outras situações e relações trazem em seu bojo um cadinho do viver e de alegria. Não se deve sacrificar o jogo em busca de algo que está alhures. O tempo do malandro é o agora. Disruptivamente, o malandro recusa ser manada, sua vida exige um exercício ascético dos mais elevados na recusa da transcendência reguladora e na aceitação da imanência do viver. Malandragem é de certa maneira acessar o mistério da vida filosófica.

Para compreender essa leitura da malandragem evocamos as leituras de Gilles Deleuze. Em *Spinoza: filosofia prática*, o filósofo aponta que realmente há um mistério que ronda o viver filosoficamente, sendo que o primeiro a perceber esse segredo, devido ao fato justamente de tê-lo vivido com intensidade, foi Friedrich Nietzsche. O filósofo alemão foi aquele que

colocou seu pensamento, sua filosofia, a serviço de sua existência por meio da *verdadeira realização da crítica*, ou seja, colocando em prática a crítica total dos valores que regiam a cultura de seu tempo (Deleuze, 1976, p.1). Nietzsche percebeu que o pensamento deve afirmar a vida, quebrando os limites e ultrapassando as forças que a impedem de crescer, possibilitando a invenção de novas possibilidades de vida.

Podemos afirmar que todo o pensamento nietzschiano, bem como o dos demais filósofos e malandros espalhados por aí, comporta um importante caráter ético-estético. Vide o caso do conceito de eterno retorno, incompatível com uma vida que faça concessão aos pequenos prazeres – o nosso tão conhecido “faça isso apenas hoje, mas desejando aquilo outro”. Malandro não se deixa levar por pequenas comodidades capazes de acalantar o coração que não vive o aqui e agora, ao invés disso prefere seguir sem o saber um dito nietzschiano:

“Dar estilo” ao seu caráter – uma arte grande e rara! É praticada por quem avista tudo o que sua natureza tem de forças e fraquezas e o ajusta a um plano artístico, até que cada uma delas aparece como arte e razão. (...) Pois uma coisa é necessária: que o homem atinja a sua satisfação consigo – seja mediante esta ou aquela criação e arte. (Nietzsche, 2001, §290, p.195-196)

Viver intensamente sua criação, seu pensamento, ao ponto de desejar manifestá-la em cada pequeno gesto ou em cada pequeno jogo, repetidamente. A síntese prática dessa escolha nietzschiana é assim apresentado por Gilles Deleuze: “O que tu quiseres, queira-o de tal modo que também queiras seu eterno retorno” (Idem, p.56). Nietzsche, malandro que era, desprezava as concessões, vistas como espécies de flexibilidades éticas que impedem o devir e a possibilidade de criação de novas formas de vida em meio a precariedade do mundo que habitamos.

A cartografia *joãoantoniana* se coloca também a favor desse movimento. Malandro é aquele que dá estilo ao seu caráter. Bacanaço, Malagueta e Perus sabem que há uma ética, afirmativa do jogo, e sabem que se quiserem continuar jogando não podem se permitir desvios. Mesmo tendo claro que algumas vezes já se perdeu de largada, como acontece na cena final do conto

Malagueta, Perus e Bacanaço, mesmo assim, o malandro deve apostar todas as suas fichas. Só isso garante um (seu) retorno digno para casa. De cabeça erguida o malandro pode voltar para os braços de sua amante, mesmo que de mãos vazias, mas orgulhoso por que não fugiu do jogo – única condição de seu existir.

E como ficamos nós, leitores classe me(r)dia diante dessas narrativas? Incomodados. Lendo sua obra em casa, no ônibus a caminho do trabalho ou da faculdade é comum ficarmos encantados diante de técnicas narrativas ímpares do autor: a eliminação da fronteira entre narrador e objeto; a aposta no mambembe da linguagem que se priva de todo e qualquer refinamento estilístico procurando apresentar a vida malandra em sua imediaticidade; ausência de sentimentalismo, aliado a literalidade da fala das ruas, procurando dar destaque à realidade do que vivem suas personagens, a entrada no universo deles (Candido, 1999) e por aí afora. Enfim, se a narrativa *joãoantoniana* encanta por que dá voz, em pé de igualdade, aos marginalizados, ela também nos oferta vivenciar um incômodo sem fim, uma vez que, estranhando a ambiência ali apresentada, reconhecemos a pobreza de nossa existência classe mé(r)dia. Não partilhamos com aqueles malandros o bolo da vida, não parece que dividimos com eles uma mesma mesa de jogo e, se o fizermos, sairíamos lesados possivelmente.

Os relatos das prostitutas, travestis, malandros, batedores de carteiras e toda uma fauna que João Antônio buscou na hoje extinta *Boca do Lixo*, hoje transmutada em cracolândia, apontam para formas de existências positivas que se recusam a aceitar os valores que tanto prezamos. O mundo ali descrito, contudo, está longe de ser idílico, não é um espaço romântico ou uma utopia. Os hotéis, motéis, cortiços e viadutos daquela região simplesmente cederam espaço a experimentações de relações sociais divergentes daquelas alastradas pelos demais espaços públicos, mas de maneira disruptiva, em constante confronto com a cultura em que estavam imersos.

Esse embate guarda tanto a potência da obra *joãoantoniana* quanto sua beleza. Presenciamos uma legião de indivíduos excluídos, cujos valores não só se distanciam do nosso mas nos ofendem, e que mesmo assim são capazes

de fazer arte, malandragem e, de alguma maneira, resistir – não no sentido politicamente forte do termo. Resistiram porque marcaram sua existência com um estilo único. Compartilhando entre eles o bolo da vida, este que “fica grande para só um homem comer. Então, o jogo exige porque diferente o jogo fica. Paciência, picardia, malandragem. Quem não tem, tivesse...” (Antônio, 2012, p.142).

A obra de Antônio permite realizarmos uma análise de certas relações sociais, capazes de dizer por meio de sua total exterioridade em relação ao nosso cotidiano um pouco sobre nossos próprios e pobres valores bem como sua contingência. Ler João Antônio é acessar o jogo da vida, vislumbrar a possibilidade de uma vida outra, pois é nessa (uma) cartografia realizada pelo autor que surge, também os “pontos relativamente livres ou desligados, pontos de criatividade, de mutação, de resistência” (Deleuze, 2006, p.53), apontando para outro campo de experiência que residiria em potência em nossa cultura e aos quais convém ao nosso pensamento experimentar. Nesse movimento, o pensamento acaba por pensar sua própria história (passado), para se libertar do que ele pensa (presente) e poder, enfim, pensar de outra forma (futuro) (Deleuze, 2006, p.127). Olhar, problematizar e experimentar. Malandragem das mais graúdas que João Antônio soube como ninguém recolher em seu cadernos de expressões e trabalhá-las em suas obras a um tal ponto que ficamos incomodados diante de um convite posto pelo próprio viver: a fim de jogo ou tá de bobeira?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nuno Cesar. Boca do Lixo: cinema e classes populares. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

ANTÔNIO, João. Contos Reunidos. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. Malaguetas, Perus e Bacanaço. São Paulo: Clube do Livro, 1988.

_____. De Malaguetas, Perus e Bacanaço. In: Malaguetas, Perus e Bacanaço. São Paulo: Clube do Livro, 1980.

BOSI, A. O Conto Brasileiro Contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. Um boêmio entre duas cidades. In: ANTÔNIO, J. Abraçado ao meu rancor. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CANDIDO, Antônio. Na noite enxovalhada. Remate de Males. Campinas, n.19, p.83-88, 1999.

_____. "Na noite enxovalhada" In: ANTÔNIO, João. Contos Reunidos. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. Malagueta, Perus e Bacanaço e Leão de Chácara. In: COELHO, Jacinto do Prado (org.) Colóquio Letras, n.32, p.92-94, jul.1976.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Rio edições, 1976.

_____. Espinoza: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. São Paulo: Cia das Letras, 2008.